



Acta Scientiarum. Technology

ISSN: 1806-2563

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Fabri Hulsmeyer, Alexander; de Held Silva, Regina; Salgueiro da Purificação, Caroline; de Melo Barreto, Maria Izabel; Rodrigues, Rodrigo
A paisagem urbana como herança cultural: a praça Santos Dumont, Umuarama, Estado do Paraná, Brasil

Acta Scientiarum. Technology, vol. 33, núm. 2, 2011, pp. 113-121
Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=303226531002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A paisagem urbana como herança cultural: a praça Santos Dumont, Umuarama, Estado do Paraná, Brasil

Alexander Fabbri Hulsmeyer^{1*}, Regina de Held Silva², Caroline Salgueiro da Purificação², Maria Izabel de Melo Barreto² e Rodrigo Rodrigues²

¹Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Paranaense de Umuarama, Praça Mascarenhas de Moraes, 4282, 87502-210, Umuarama, Paraná, Brasil. ²Universidade Paranaense de Umuarama, Umuarama, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: alexarq@unipar.br

RESUMO. A paisagem urbana possui uma forte conotação histórica, e pode ser considerada uma herança cultural. Neste contexto, os espaços livres públicos podem converter-se em registros importantes, fortalecendo tradições, valores e identidades. Nos quatro principais núcleos urbanos projetados pela Companhia de Terras do Norte do Paraná CTNP, e denominada Companhia Melhoramentos Norte do Paraná CMNP após 1942, as praças exercem o papel de elementos ordenadores na configuração dos centros cívico, religioso e comercial, demonstrando a íntima relação entre os espaços livres públicos e seu entorno. Esta pesquisa¹ teve o objetivo de analisar, a partir da pesquisa dos registros fotográficos, jornais de época e bibliografia referente às raízes conceituais do traçado morfológico da cidade e seu contexto histórico, a Praça Santos Dumont, maior praça e palco de importantes momentos da história da jovem cidade de Umuarama, Estado do Paraná.

Palavras-chave: arquitetura paisagística, morfologia urbana, espaços livres públicos.

ABSTRACT. The urban landscape as a cultural heritage: Santos Dumont plaza, Umuarama, Paraná State, Brazil. The urban landscape has strong historical meaning because it can be considered as cultural heritage. In this context, public open spaces are important registries, reinforcing traditions, values and identities. In the four main cities projected by the Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP), the squares and plazas carry out the task of ordination elements for the configuration of the civic, religious and commercial centers, reinforcing the close relation between public open spaces and their surroundings. This research was done under the Scientific Initiation Program of Universidade Paranaense, and is about Santos Dumont Plaza, the biggest one that supported important historical moments of early Umuarama, in northwestern Paraná, Brazil. The analysis was based on the research of photographic registries, newspapers, and the publications about the conceptual roots of the urban morphology of the city and its historical context.

Keywords: landscape architecture, urban morphology, public open spaces.

Introdução

As pesquisas sobre as estruturas espaciais das cidades de colonização planejadas pela Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP), denominada Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP) após 1942, realizadas por Yamaki (2003) e Rego et al. (2004), atestaram a qualidade dos planejamentos urbanos e afirmaram a existência de referências aos discursos da urbanística europeia do final do século XIX e início do XX, apresentando uma estrutura com claras definições ideológicas e conceituais, às vezes perseguindo modelos europeus do início do século, como os de cidade jardim (REGO; MENEGUETTI, 2006).

Influenciado conceitualmente pela expansão capitalista da produção e exportação cafeeira, os

modelos urbanísticos de modernidade foram aplicados na reprodução dos ideais de colonização inglesa nos projetos dos quatro principais núcleos urbanos projetados pela CTNP e CMNP, respectivamente Londrina, Maringá, Cianorte e Umuarama, assumindo cada um deles características muito particulares.

Como resultante da somatória dos conceitos adotados nas cidades paranaenses de Londrina, Maringá e Cianorte, surge em 1956 o projeto de Umuarama, no Noroeste do Estado, elaborado pelo engenheiro geodésico Wladimir Babcov. O traçado de Umuarama, último núcleo-polar implantado pela CMNP, sem apresentar o mesmo rigor técnico e adaptação à topografia existente, contraria algumas premissas básicas de planejamento urbano adotadas

anteriormente. Em Maringá, por exemplo, o desenho da cidade incorporou princípios formais da cidade-jardim inglesa, onde as curvas de nível foram determinantes para o desenho da cidade, o que definiu a forma urbana alongada e o traçado orgânico como diretrizes para as principais vias, resultando em uma minuciosa adaptação do traçado ao relevo (REGO, 2001).

Analisando a conformação de Umuarama a partir do traçado da sua malha, dos espaços livres públicos, e da relação com os espaços privados, percebe-se que o seu projeto consiste na superposição de uma malha ortogonal e diagonal, o que estabelece a primeira forma de hierarquia dos espaços livres públicos sobre os espaços privados, definida pelo sistema das vias e localização das praças e parques nesse tecido. No encontro das diagonais surgem algumas das principais praças, com características de praças rotatórias (Figura 1).

Na segunda forma de hierarquia, a localização das praças no traçado está diretamente relacionada à conformação dos centros religiosos, político-administrativos e comerciais, atendendo às premissas de configuração da paisagem urbana da CMNP, tendo as praças como geratrizes dos

cenários emoldurados pelas fachadas dos edifícios, alguns construídos pela própria companhia colonizadora.

Neste contexto, consideraram-se os espaços livres públicos não apenas como aqueles desprovidos de edificações, mas como os espaços que possibilitam as trocas sociais, os encontros, o exercício da política, ou seja, espaço livre público como o “palco da cidadania” (MENEGUETTI et al., 2005).

A Praça Santos Dumont, maior praça rotatória da cidade, com aproximadamente 12.000 m², é denominada pela população “Praça dos Bancos”, tendo sido palco de acontecimentos da cultura, da política e do civismo. Esses fatos estão intrinsecamente relacionados à história da própria cidade e compõem a memória urbana ao longo das últimas décadas, embora a intensidade de uso e simbolismo da praça não sejam os mesmos dos ideais do período áureo do “Eldorado Cafeeiro”.

No intuito de materialização desses referenciais, o projeto da praça foi destinado, em 1970, ao arquiteto modernista paulista Ícaro de Castro Mello, contratado pela administração do então prefeito João Cioni Neto.

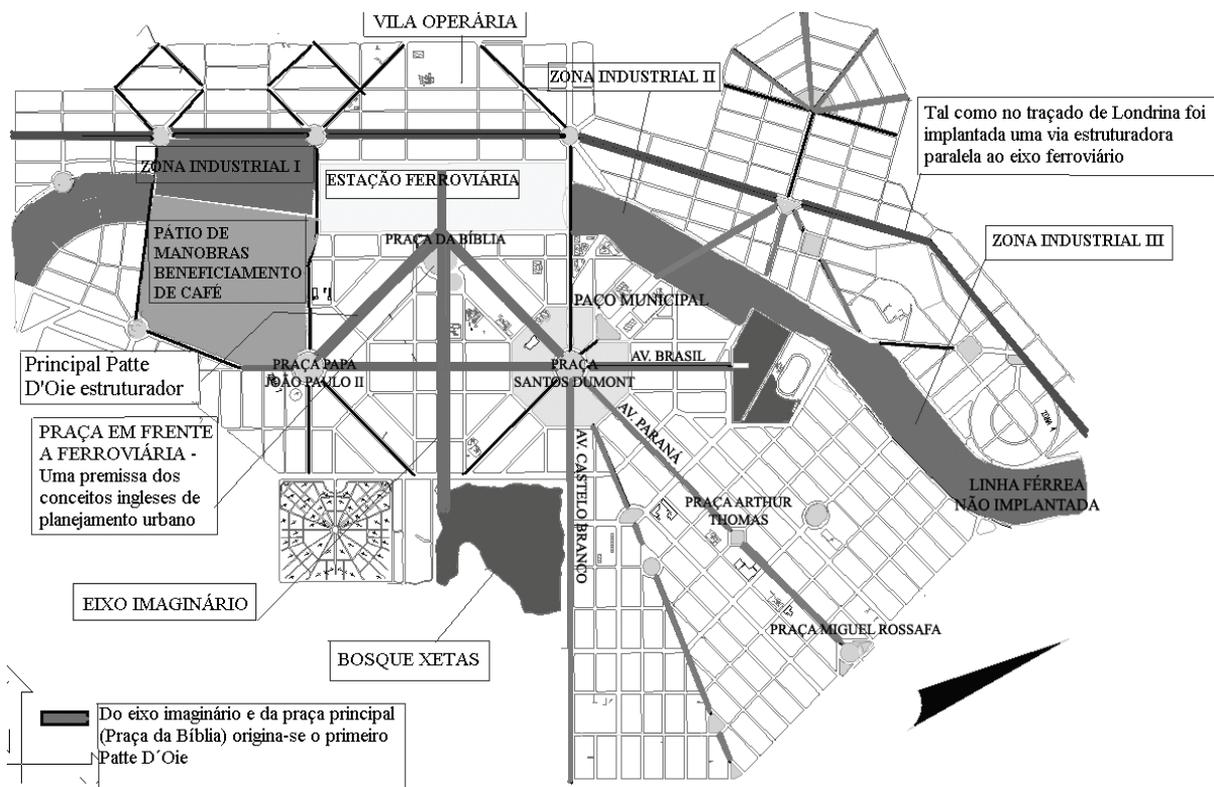


Figura 1. Síntese do diagnóstico de traçado de Umuarama, Estado do Paraná (Modificado de CMNP, 1975).

Material e métodos

Por meio da pesquisa dos registros fotográficos, jornais de época e bibliografia referente às raízes conceituais do traçado morfológico da cidade e seu contexto histórico, este artigo busca a compreensão da relação entre a praça e o seu entorno, a partir dos princípios originalmente adotados no seu traçado urbano; a verificação do seu papel na configuração das paisagens cênicas previstas pela CMNP; a verificação da compatibilização dos princípios ingleses de urbanização adotados pela CMNP, com os do projeto paisagístico modernista, desenvolvido pelo arquiteto Ícaro de Castro Mello.

No viés do resgate do papel histórico-morfológico da praça como lugar de convergência sociocultural, esse artigo indica a necessidade de novas políticas públicas participativas que garantam diversas formas de apropriação pública e resgate dos valores simbólicos, por meio de práticas de intervenção que respeitem as premissas projetuais originais e as desenvolvidas por Ícaro de Castro Mello, em 1970.

Resultados e discussão

A herança do planejamento inglês

Segundo Robba e Macedo (2002, p. 18) “[...] não é possível falar sobre praças sem analisar o contexto urbano no qual está inserida”. Neste contexto, a análise inicia-se pelas origens do planejamento da cidade, pois nele foram definidas as principais condicionantes para a conformação das características da Praça Santos Dumont.

A importância dos estudos sobre a evolução das estruturas morfológicas, para a compreensão de determinado contexto urbano, consiste em saber que, por mais que haja alterações nessas estruturas, o ambiente edificado é sucessivamente construído e reconstruído sobre o mesmo traçado urbano.

O plano de organização espacial adotado inicialmente pela CTNP possui duas escalas de análise: a primeira de ocupação regional, em que a matriz é a comunicação rodoferroviária e a segunda de estruturação do espaço urbano. O chamado Plano de Ocupação Regional (POR) foi idealizado para atender à exploração mercantil por meio da exportação cafeeira que previa a implantação de cidades planejadas para exercerem a função de pólos regionais de comércio e serviços, dispostas a cada 100 km (CMNP, 1975). Nele podem ser observadas referências à cidade-jardim, com alusões diretas aos conceitos de rede de cidades polinucleadas de Howard (1996) para a ocupação do “Eldorado de Terras Férteis”, território de modernidade e

prosperidade do “Ouro Verde”, tratado ideológico vigente entre os anos 1920 e 1960, durante a ocupação das três regiões Norte do Paraná: Velho, Novo e Novíssimo.

No entanto, o plano atendia aos interesses capitalistas para exploração mercantil, tendo a cidade como mercadoria, o que contraria intrinsecamente os conceitos socioespaciais cooperativistas idealizados por Howard (1996).

Com relação à estruturação do espaço urbano para as quatro principais cidades contidas no Plano de Ocupação Regional (POR) é possível a identificação de três fases: a primeira tem o engenheiro geodésico russo, Alexandre Rasgulaeff, como responsável pelos desenhos, e atribuí-se a ele o planejamento da cidade de Londrina (1930-1934). E segundo os depoimentos do próprio engenheiro, nesse período os projetos eram enviados à Inglaterra para aprovação (YAMAKI, 2003).

Na segunda fase, já sob o controle da CMNP, os traçados passam a apresentar inspirações nas soluções formais de projetos das cidades-jardins e bairros-jardins, presentes nos projetos contratados por Jorge Macedo Vieira (1894-1978), para as cidades de Maringá (1947-1951) e Cianorte (1953-1955).

A terceira e última fase, a mais eclética, é resultante da somatória das duas anteriores, tendo como responsáveis pela supervisão dos planos o Sr. Hermann Moraes de Barros e o engenheiro geodésico Wladimir Babkov (CMNP, 1975). Esta fase coincide o projeto de Umuarama (1955-1960), que se diferencia morfológicamente das demais cidades projetadas pela CMNP, sem apresentar a mesma clareza compositiva dos traçados anteriores desenvolvidos pelas companhias ou contratados. Para Rego et al. (2004), o traçado de Umuarama é “geométrico, múltiplo e fragmentado pela topografia, recorrendo a diversos motivos formais, sem ordem ou articulação entre si”. O que acaba por interferir na hierarquia dos seus elementos urbanos.

O ecletismo do traçado pode ter raízes nas referências tipológicas e consiste em uma espécie de releitura, mais próxima à “colagem” gráfica das experiências anteriores da companhia. Nele reconhece-se alguns dos princípios clássicos da primeira fase de Alexandre Rasgulaeff, algumas características de zoneamento de Jorge Macedo Vieira para Maringá (1947-1951) e Cianorte (1953-1955) e ainda apresenta referências conceituais aos Planos de Melhoramentos aplicados nas capitais brasileiras, durante a primeira metade do século XX.

Nas premissas de planejamento urbano da CTNP, seguidas pela CMNP, destacam-se dois aspectos principais: a malha urbana sobreposta ao

traçado da ferrovia e os critérios de conformidades com o relevo e a drenagem urbana, em que a faixa agrícola de abastecimento alimentar urbano (cinturão verde) assumia um importante papel neste sistema (HULSMEYER et al., 2008).

Mas, apesar de ser fator determinante na configuração do seu traçado urbano, na cidade de Umuarama, a malha ferroviária não chegou a ser implantada, cabendo à própria CMNP o parcelamento do plano original. Dessa forma, alterou-se o traçado com a implantação de lotes de uso residencial, e os trechos restantes da linha férrea foram parcelados na década de 1980, encontrando-se em processo de regularização fundiária junto à Prefeitura Municipal de Umuarama (Figura 1).

Apesar de tênues, algumas referências aos conceitos de cidade-jardim podem ser encontradas no projeto de Umuarama, como na implantação da Praça da Bíblia posicionada em frente ao espaço destinado à Estação Ferroviária de Umuarama, para o conjunto estação-praça-*boulevard* atuarem como marco referencial. Assim, o *boulevard* e as vias interligadas facilitariam o tráfego intenso que ocorreria naquele local. O sistema de vias deveria garantir a segurança do pedestre ao desembarcar, sendo a posição mais adequada para a estação no fundo da praça, sem ruas laterais. Deste modo, as pessoas que desembarcassem, teriam o primeiro contato com a cidade pela praça em frente à estação (Figura 1).

Como todo organismo vivo, em resposta às novas necessidades, a cidade sofreu alterações na organização espacial em seus aspectos funcionais e simbólicos, destacadamente em relação às suas centralidades. Os marcos para as alterações da estruturação espacial urbana foram as mudanças socioeconômicas mundiais e os impactos provocados pela erradicação cafeeira na década de 70, que resultaram no crescimento espacial acelerado e desordenado.

Essas mudanças passaram a refletir novos valores funcionais e simbólicos dessas centralidades, embora a essência dos cenários previstos ainda exista. As alterações foram resultantes de intervenções que fragmentaram parte do traçado e das descaracterizações do patrimônio construído, além do surgimento de espaços residuais resultantes da ausência (ou deslocamento) da malha ferroviária.

As paisagens cênicas das cidades-polo planejadas pelas CTNP e CMNP

Por meio da análise morfológica das cartas dos municípios e dos acervos fotográficos do Museu da Bacia do Paraná (UEM) e Museu Histórico Padre Carlos Weiss (UEL), observa-se que os projetos das principais praças já estavam contidos nessas cartas e que

alguns dos conceitos pitorescos definidos por Sitte (1992), com destaque à importância de riqueza de significados na composição artística, coerentes à escala dos edifícios, faziam parte destes cenários. E ainda, que na composição desses cenários, as praças exercem o papel de elemento ordenador para a configuração dos centros cívico, religioso e comercial. Os principais edifícios são implantados ao redor das principais praças, segundo o zoneamento funcional, previsto pelas Companhias.

Os desenhos dessas praças encontram suas referências nas praças clássicas francesas e inglesas do final do século XIX, modelos típicos da *Belle Époque* aplicados nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo que dominavam o ideário da população brasileira, princípios de reprodução artística e cultural europeus denominados no Brasil de “Fase Eclética Clássica” (ROBBA; MACEDO, 2002).

Diferentemente do que defendia Sitte (1992), em relação ao centro livre de impedimentos visuais e propícios aos encontros e manifestações sociais, os primeiros desenhos das praças da CTNP e da CMNP apresentavam linhas geométricas convergentes a um elemento focal central, geralmente elemento vertical (monumento, fonte, busto etc.).

As propostas formais das praças contavam com passeio perimetral, canteiros com rigor geométrico, grande quantidade de área permeável, vegetação arbustiva e forrações, dispostas com bordadura em topiaria. A tríade clássica básica pode ser verificada nos primeiros desenhos das praças que compõem o eixo monumental da cidade de Londrina.

Diante da importância das praças ajardinadas na composição das paisagens cênicas previstas pelas companhias colonizadoras, o papel das praças como principal elemento morfológico configurador dos centros cívico, político, cultural, comercial e religioso era atender simbolicamente aos ideais de modernização ou *status* de cidade planejada do “Eldorado Cafeeiro” divulgados, nesse período, na esfera nacional e internacional.

Portanto, na hierarquia entre espaços públicos e privados do traçado da cidade de Umuarama, as praças possuem incontestável papel, e na composição de Babkov, assumem a configuração de praças rotatórias. Com relação às funções de lazer público, lugar de encontro, trocas culturais e simbolizações, as praças podem ser analisadas em duas realidades distintas: a primeira de intensa apropriação das praças até o término do ciclo cafeeiro, em que a CMNP possuía controle sobre as relações socioeconômicas e político-administrativas e, a segunda pós-erradicação cafeeira.

Nessa segunda realidade, após os anos 80 do século XX, o crescimento populacional, as demandas habitacionais e as novas bases de estruturação

econômica e socioculturais no município coincidem com as mudanças de valores da sociedade pós-fordista, do niilismo, do consumo de massa (SENNETT, 1988) e de novas formas de lazer que impactaram diretamente a intensidade de apropriação e simbolização das praças. No caso da cidade de Umuarama, somam-se a estes fatores a ampliação dos fluxos de veículos, principalmente nas praças rotatórias. Assim, gradualmente, as principais praças passaram a simbolizar lugar de abandono, tanto das políticas públicas municipais como das práticas de lazer público por significativa parcela da população.

As praças rotatórias

Do ponto de vista funcional e morfológico, a forma circular das praças rotatórias pode dificultar o acesso dos pedestres, pois quanto maior a fluidez de veículos ao redor das praças, menor será a possibilidade de acesso. Entretanto, a segurança do pedestre está relacionada a outros fatores, independentemente da forma, por exemplo, à diminuição da velocidade dos veículos, não-existência de obstáculos visuais, sinalização adequada etc.

Faz-se necessária também a consideração de características como a sua localização, pois praças rotatórias dispostas nas áreas centrais, por apresentarem maior fluxo de automóveis possuem sua acessibilidade mais afetada do que praças rotatórias de bairros.

Vale destacar que Halprin (1963, p. 11) já fazia um alerta quanto ao limite de compatibilidade entre diferentes funções de uma praça:

Não é possível esperar que uma grande praça cívica sirva como um local de estacionamento de veículos, como uma rotatória de trânsito, como o lugar para uma fonte cívica ou para comemorações cívicas, e ao mesmo tempo ser um espaço tranquilo, um espaço livre para se respirar entre a densa aglomeração de edificações.

Carr et al. (1995) classificam os três tipos de acesso ao espaço público como físico, visual e simbólico ou social. O acesso físico, em espaços livres públicos, refere-se à ausência de barreiras espaciais ou arquitetônicas (construções, plantas, água) além da localização dos acessos, às condições de travessia das ruas e à qualidade ambiental dos trajetos. O acesso visual ou visibilidade define a qualidade da primeira impressão do usuário com o lugar: perceber e identificar ameaças potenciais é um procedimento instintivo antes de alguém adentrar qualquer espaço. Uma praça no nível da rua, visível de todas as calçadas, informa aos usuários sobre o local e, portanto é mais propícia ao uso. Já o acesso simbólico ou visual refere-se à presença de sinais sutis ou ostensivos que sugerem

a territorialidade. A partir da combinação destes três tipos de acesso, uma praça pode ter seu espaço mais ou menos convidativo ao uso.

A praça Santos Dumont

Em Umuarama, das 26 praças contidas no traçado original, apenas oito possuem formatos quadrangulares ou triangulares, tendo as demais formas circulares ou elípticas, caracterizando-se como praças rotatórias.

A Praça Santos Dumont, juntamente com a Praça da Bíblia e Praça Paulo VI, configuram a tríade formadora do principal *Patte D'Oie*, ou "pé-de-galinha" estruturadas do traçado original (Figura 1). Além deste, ela também configura com as Praças Arthur Thomas e Miguel Rossafa, um importante eixo viário da Avenida Paraná, onde estão os principais centros cívico-administrativo, religioso e comercial. Em comum, essas praças são elementos morfológicos irradiadores do traçado, e atendem a função de rotatórias do sistema viário. O acesso a estas praças, no entanto, apresenta restrições, principalmente após a década de 80 do século XX, com a ampliação da frota de veículos.

O *Patte D'Oie* é um recurso de projeto amplamente utilizado nos traçados das companhias, embora dele nem sempre resulte a mesma conformação, pois segundo Yamaki (1991), ele apresenta configurações nos traçados que envolvem questões simbólicas e funcionais do espaço relacionadas aos usos e à história de consolidação das paisagens urbanas. Portanto, somente a forma não garante que os aspectos simbólicos dos espaços livres públicos, reforcem a presença dos espaços edificados significativos na configuração de paisagens pregnantes.

Justamente por ter seu traçado fragmentado pela topografia, sem a organicidade e nem a hierarquia dos elementos urbanos comuns às outras cidades da CMNP, na cidade de Umuarama, estes elementos formais, não são claramente percebidos e perdem parte do seu simbolismo.

Apesar desta fragmentação, a centralidade da Praça Santos Dumont é claramente identificada pelo seu papel articulador das vias mais importantes, em forma de asterisco, ligando vários bairros ao centro da cidade, configurando-se como o principal nó viário do traçado.

Desta relação com seu entorno, pode-se concluir que o parcelamento dos lotes no entorno da Praça Santos Dumont foi planejado intencionalmente pela CMNP para receber o setor bancário e o comércio regional, reforçando seu papel referencial de modernidade e cenário contemplativo, afinal, o município é um pólo regional, e como tal deveria ter um cenário que atraísse consumidores das cidades circunvizinhas do Noroeste.

Após os primeiros anos da sua implantação, no entanto, até meados da década 1960, a Praça Santos

Dumont era apenas uma rotatória com remanescentes da mata nativa sobrevivente ao avanço da ocupação urbana (Figura 2).

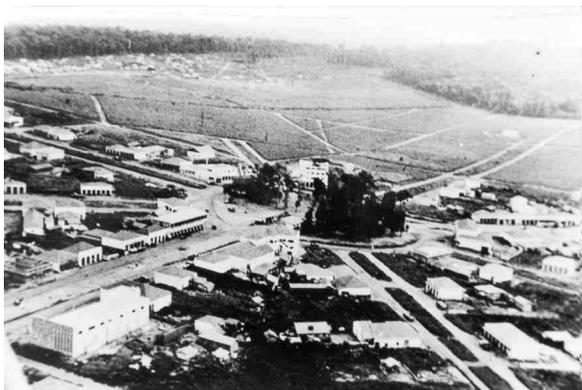


Figura 2. Praça Santos Dumont, 1963. (Acervo dos autores).

Alguns anos depois, já no final desta década, a mata remanescente foi derrubada para dar lugar à segunda Estação Rodoviária da Cidade, tendo sido a primeira na Praça Arthur Thomas. Apesar de Sitte (1992, p. 47) advertir que sob o ponto de vista artístico “um terreno vazio não é uma praça, mesmo que seja livre e público”, a sua centralidade já era visível.

Em um período em que a cidade ainda se consolidava em um centro regional, com muitas obras sendo realizadas, e influenciadas pelo ufanismo pós-construção de Brasília, a implantação de uma praça que pudesse representar o ideal de modernidade e cenário inerentes a sua centralidade, passou a falar mais alto. Última das três praças que configuram o eixo principal da Avenida Paraná a ser efetivamente projetada, nas palavras de Casciole (2009, p. 12):

A área ainda “abandonada” na outra extremidade da Avenida Paraná causava uma péssima impressão ao centro: era toda de terra, tinha algumas perobas altas que lembravam a antiga mata que existia e duas pequenas construções de alvenaria que funcionavam como rodoviária, ocupadas pelos guichês das empresas de ônibus e alguns botecos. No terreno ainda havia dois pontos de táxi (os antigos jipes). Sabia-se que ali um dia seria construída uma praça e que a rodoviária seria transferida para o começo da Avenida Paraná.

Foi quando o então prefeito João Cioni Neto teve a intenção de oferecer à cidade uma grande obra na comemoração dos seus 15 anos: a proposta de construção da Praça Santos Dumont foi aprovada pelo conselho comunitário constituído por membros da sociedade organizada, que indicou para idealizá-la o arquiteto Ícaro de Castro Mello (CASCIOLE, 2009).

Projetada em outubro de 1970 e inaugurada em 31 de janeiro de 1972, a Praça Santos Dumont

passou a representar um ideal de modernidade defendido pelos conceitos da CMNP: é a maior praça da cidade e pode ser considerada patrimônio histórico, estando intrinsecamente relacionada à história da cidade, palco de acontecimentos da cultura, da política e do civismo, fatos que marcaram a memória da população ao longo das últimas décadas.

Citado entusiasticamente em matéria de jornal da época como símbolo da “riqueza, do desenvolvimento impetuoso e a pujança da jovem Umuarama” (SOBRINHO, 1972), o obelisco geométrico no centro da praça, constituído de quatro pilstras de alturas variáveis, revestidas de chapas de alumínio nas superfícies côncavas e concreto aparente, e que emergia de dentro de um espelho d’água retangular com 288,0 m², tentava reforçar este simbolismo de modernidade.

Eventos cívicos na Praça eram comuns, como o hasteamento da Bandeira Nacional e apresentação de jovens ao serviço militar, além de festividades em que a população comparecia em grande número.

Determinados simbolismos devem ser sempre reforçados: Halprin (1963) salienta que as maiores praças no mundo se tornaram símbolos cívicos não somente em razão de sua beleza de design, mas por causa da variedade e importância dos eventos cívicos que nelas acontecem.

O Projeto

Nascido em 1913, em São Vicente, Estado de São Paulo, Ícaro de Castro Mello foi um arquiteto de grande prestígio no cenário cultural da época e importante personagem na história da arquitetura moderna do Brasil. Desde muito cedo, comprometeu-se com a concepção de prédios esportivos e de lazer e, até sua morte, ocorrida em 1986, nunca interrompeu as incursões neste território, sendo seguramente o arquiteto brasileiro que criou o maior número de edifícios desta natureza (SILVA, 2005). Apesar das grandes dimensões (aproximadamente 12.000 m²) e da sua repercussão local, não foram encontradas referências ao projeto da Praça Santos Dumont no material biográfico do arquiteto.

A organização do espaço urbano pode ser identificada pela relação entre sólidos e vazios, pelas interligações entre as partes que fisicamente conectam as partes da cidade, e pelos componentes das necessidades humanas e culturais, históricas e seus contextos naturais. A incorporação de formas únicas e detalhes interessantes ao local, enriquecem o espaço fisicamente. Esta resposta ao contexto compatibiliza novo design com as condições pré-existentes (TRANCİK, 1986).

Diferentemente das demais praças da cidade, o projeto da Praça Santos Dumont destaca-se pela sua proposta formal e estética: o projeto apresenta características, descritas por Robba e Macedo (2002), como tipicamente modernistas: a utilização das formas geométricas, tanto para pisos, caminhos, canteiros e espelhos d'água; grandes áreas de pisos; criação de estares e recantos como elementos centrais de projeto; circulação estruturada por sequência de estares; valorização de ícones e signos da cultura nacional e regional (nome Santos Dumont, por exemplo); vegetação utilizada como elemento tridimensional de configuração dos espaços; e plantio em maciços arbóreos e arbustivos (Figura 3). Entretanto, não apresenta em seu programa o lazer ativo, que é substituído pelo lazer cultural, pela presença da Biblioteca Rocha Pombo.

Segundo Robba e Macedo (2002), a pluralidade repetitiva de formas geométrizadas e angulosas, criando estares, recantos e patamares, são influências formais típicas do trabalho do paisagista californiano Lawrence Halprin, que incidiram sobre muitos projetos brasileiros.

Esta influência pode ser comprovada no projeto de 1976, para a Praça da Sé, em São Paulo. De maneira similar, a Praça Santos Dumont possui um traçado modernista característico das praças paulistanas de grande porte dos anos 1970, com inúmeros recantos contemplativos, espelho d'água, no qual foi instalado o grande obelisco, além da repetição de formas geométricas ortogonais para criar os recantos e estares, desestruturando as circulações óbvias.

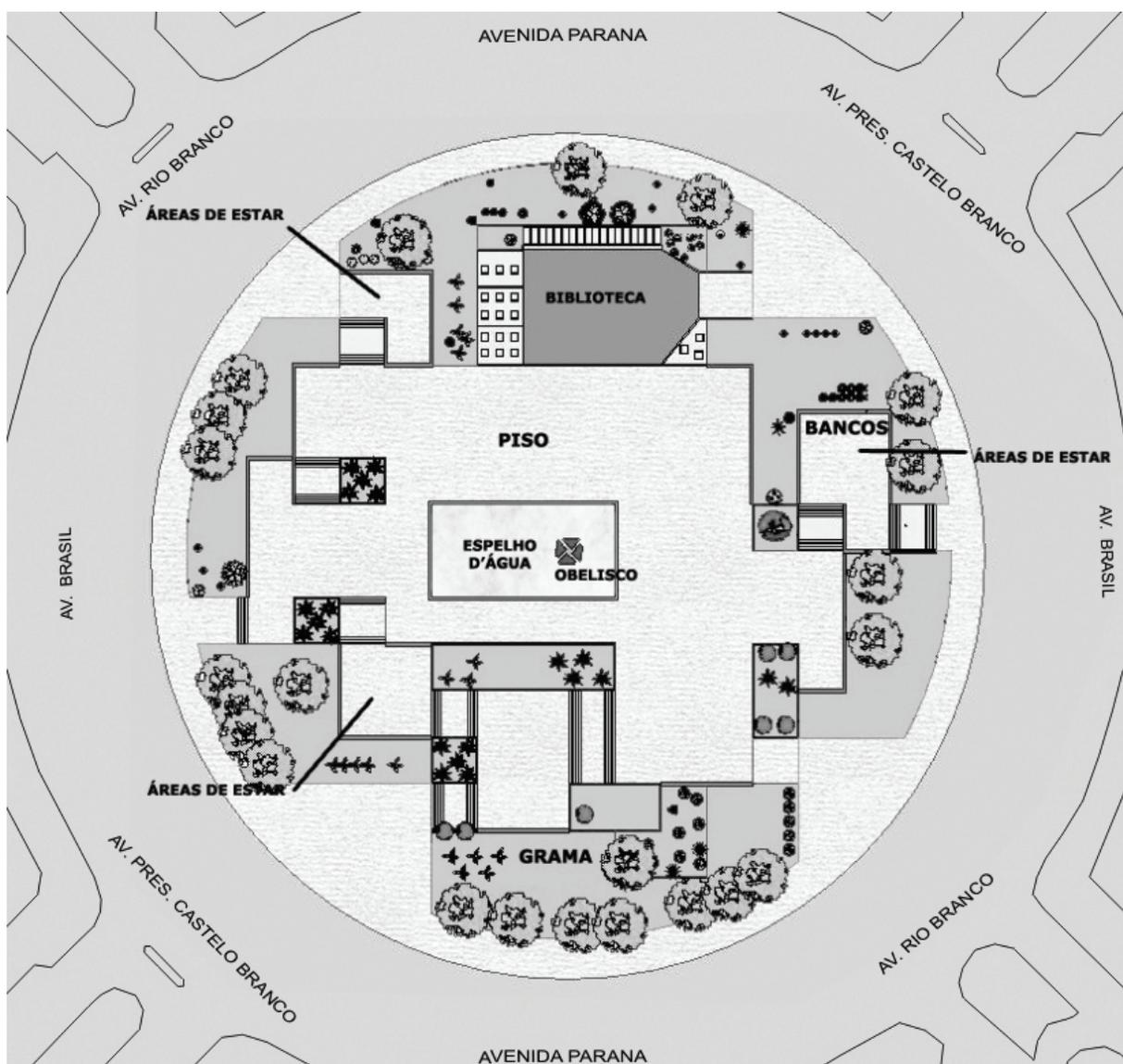


Figura 3. Planta artística da Praça Santos Dumont, s/ escala.

Na obra de Burle Marx, ícone da arquitetura paisagística moderna, entretanto, conceitualmente os elementos vegetais têm papel protagonista tanto na composição bidimensional como na tridimensional, pelas diferentes cores, texturas, e volumes (ADAMS, 1991). Além disso, existe um forte simbolismo na utilização preferencial de plantas autóctones e suas associações, criando um sentimento de identidade com a paisagem local. No projeto original da Praça Santos Dumont não foi localizadas as Pranchas de Plantio, com indicação das espécies vegetais. Portanto, não se pode assegurar que a configuração ou as espécies das plantas existentes correspondam ao projeto original (Figura 4).

Nas demais praças da cidade, caracterizam-se por ter recebido da administração municipal dois modelos básicos de implantação de praças, resultantes de uma adaptação dos projetos ecléticos, o que resultou na monotonia visual desses espaços públicos. Em um desses modelos, a forma simétrica radial é configurada por uma área circular central para pedestres. Todos os bancos são posicionados ao longo da circulação e praticamente não existem ambientes diferenciados do espaço geral. O segundo modelo consiste na presença de dois eixos que, ao se cruzarem, criam quadrículas, dividindo a área em quatro setores. Em alguns destes projetos foram incorporados alguns elementos típicos da fase moderna, por exemplo, lazer ativo, como quadras e parques infantis. Segundo Macedo (1995), estes eram os projetos padrões das praças brasileiras nas décadas de 50 e 60.



Figura 4. Praça Santos Dumont no início dos anos 1980, com as árvores ainda visivelmente baixas. Obelisco como ponto focal. Acervo Nabor Valério N. Silva.

Durante duas décadas a Praça Santos Dumont foi um dos pontos de encontro comunal mais movimentados, especialmente nos fins de semana, onde a presença dos dois cinemas, o Guarani e o

Umarama (CASCIOLE, 2009), reforçava suas funções, tanto de passagem como de permanência, atraindo os usuários.

Mas, nos anos 1990, depois de tantas crises econômicas, a praça entrou em declínio, e algumas das suas fraquezas começaram a despontar. Primeiro, a grande dificuldade de acesso por se tratar de uma rotatória central em área de grande fluxo de veículos, apresentando problemas de acesso físico. Depois, com grande desnível de quase 10,0 m, a caminhada por seus passeios perimetrais é bastante cansativa, sendo pouco atrativa, apesar dos seus 6,0 m de largura. Apenas a caminhada feita pelo eixo da Av. Brasil é em nível. E, além disso, em alguns pontos, como nos acessos a partir da Av. Paraná, o grande número de muros de arrimos que configuram os patamares, juntamente com a vegetação inadequada, criam barreiras visuais (Figura 5). Somam-se, ainda, a falta de manutenção e a perda do seu referencial por meio dos eventos cívicos que praticamente inexistem.



Figura 5. Vista panorâmica da praça a partir da avenida Paraná (2008). Acervo do autor.

Desta forma, a compreensão do seu significado foi gradativamente reduzida como símbolo de modernidade, pois o significado não reside no objeto em si, e sim na relação entre objeto-observador.

Conclusão

A análise morfológica do tecido que envolve a Praça Santos Dumont permite atestar que a praça ainda possui importante papel de marco referencial, mas com perda do seu simbolismo. Problemas com a topografia e a intensidade do fluxo de veículos impõem importante restrição ao acesso. Somam-se a isso as características particulares do programa que não possui atrativos que convidem à permanência.

As últimas décadas foram marcadas por mudanças comportamentais da sociedade, em que as formas de apropriação dos espaços livres urbanos. Neste contexto, não seria possível resgatar a os mesmos usos da praça e, tampouco, esperar as mesmas simbolizações passadas. Mas algumas ações poderiam resguardar parte da sua história: tombamento da praça como patrimônio histórico-cultural municipal; formulação de um Plano Viário

Municipal com diretrizes que priorizem as circulações pedonais; manutenção periódica e, finalmente, a elaboração de um projeto de restauro e revitalização que respeite as premissas projetuais aqui destacadas.

Agradecimentos

Ao apoio financeiro da Unipar por meio do PIC – Programa de Iniciação Científica.

Referências

- ADAMS, W. H. **Roberto Burle Marx: the unnatural Art of the Garden**. New York: The Museum of Modern Art, 1991.
- CARR, S.; FRANCIS, M.; RIVLIN, L. G.; STONE, A. M. **Public space: environment and behavior**. Nova York: Cambridge University Press, 1995.
- CASCIOLE, I. F. É preciso respeitar e preservar a obra-prima de um arquiteto genial. **Umuarama Ilustrado**. Umuarama, 30 maio, 2009. (Folha Memória. p. 12).
- CMNP-Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. **Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná**. Publicação Comemorativa do Cinquentenário da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. São Paulo: CMNP, 1975.
- HALPRIN, L. **Cities**. New York: Reinhold Book Corp., 1963.
- HOWARD, E. **Cidades jardins do amanhã**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- HULSMAYER, A. F.; HELD SILVA, R.; PURIFICAÇÃO, C. S. Desenho urbano e impactos ambientais: uma análise do sistema de drenagem da cidade de Umuarama, Paraná. In: FERREIRA, Y. N. (Org.). **Águas urbanas: memória, gestão, riscos e regeneração**. Londrina: Eduel, 2008. v. 1. p. 1-20.
- MACEDO, S. S. Espaços livres. **Paisagem e ambiente: Ensaios**, v. 7, p. 15-56, 1995.
- MENEGUETTI, K; REGO, R.; PELEGRINO, P. R. M. A natureza no cotidiano urbano: o projeto da paisagem na cidade de Maringá. **Acta Scientiarum. Technology**, v. 27, n. 2, p. 167-173, 2005.
- REGO, R. L. O desenho urbano de Maringá e a idéia de cidade-jardim. **Acta Scientiarum. Technology**, v. 23, n. 6, p. 1569-1577, 2001.
- REGO, R.; MENEGUETTI, K. A forma urbana das cidades de médio porte e as dos patrimônios os fundados pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. **Acta Scientiarum. Technology**, v. 28, n. 1, p. 93-103, 2006.
- REGO, R. L.; MENEGUETTI, K.; DE ANGELIS NETO, G.; JABUR, R. S.; RISSI, Q. Reconstruindo a forma urbana: uma análise do desenho das principais cidades da Companhia de Terras Norte do Paraná. **Acta Scientiarum. Technology**, v. 26, n. 2, p. 141-150, 2004.
- ROBBA, F.; MACEDO S. **Praças brasileiras**. 1. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.
- SENNETT, R. **O Declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Tradução de Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SILVA, J. M. C. **Ícaro de Castro Mello: principais projetos**. São Paulo: J. J. Carol, 2005.
- SITTE, C. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos**. Tradução de Ricardo Ferreira Henrique. São Paulo: Ática, 1992.
- SOBRINHO, I. C. O Obelisco da praça Santos Dumont. **A Gazeta de Umuarama**. Umuarama, 23 jan. 1972.
- TRANCIK, R. **Finding lost space: theories of urban design**. New York: Reinhold Van Nostrand, 1986.
- YAMAKI, H. **Patte D'Oie Norte Paranaense: um estudo morfo-genealógico**. In: Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil, 4. ed., Brasília: UnB-GDF, 1991. p. 235-243.
- YAMAKI, H. **Iconografia londrinense**. Londrina: Edições Humanidades, 2003.

Received on July 23, 2009.

Accepted on October 13, 2009.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.